

## ÉTICA CIDADÃ NO PROCESSO EDUCATIVO

Luiz Carlos dos Santos

Entende-se por educar para uma ética-cidadã poder colocar-se no lugar de outra pessoa e vivenciar os seus sentimentos. Educar para ética, na contemporaneidade, é um dos grandes desafios escolares, uma vez que o currículo que formou boa parte dos professores no século XX esteve fortemente influenciado por uma lógica cartesiana que enfatizava a dimensão conceitual e praticamente negava observância de conteúdos atitudinais. Diuturnamente, sensibilidade e atitude para ler as contradições da cidade também expressas nos textos não verbais é condição *sine qua non* para a reflexão sobre a moral. Frise-se que, apenas os conteúdos conceituais não dão conta da (re) invenção das relações sociais. Urge aguçar a percepção sensorial dos estudantes por meio do exercício da alteridade, a fim de que possam ver e interpretar a realidade, notando, por mais imperceptíveis que pareçam, os traços de humanidade que ainda persistem na sua malha social.

A sociedade contemporânea debruça-se sobre a urgente necessidade de fundamentar os valores éticos nas relações sociais, especialmente no Brasil, onde, em função da fragilidade de tais elementos em suas práticas pseudo-democráticas, sobrevive-se e convive-se com uma das maiores crises políticas da história republicana

Buscando-se a sabedoria de Aristóteles, a essência da ética era a felicidade. Tal definição encontra eco na re-leitura de Chalita do clássico *Ética a Nicômacos* (ARISTÓTELES, 2001, p. 36), “Nascemos para a felicidade. Percorremos a felicidade e muitas vezes nos afastamos completamente dela por não conhecer o caminho para encontrá-la. A felicidade se encontra em cada indivíduo e ao mesmo tempo no convívio dos indivíduos. A felicidade é caminho e é meta.”

Sob o prisma epistemológico, poder-se-ia caracterizar a ética como sendo a morada do homem. Os fundamentos da construção, as vigas, os pilares, as colunas materializam o código de ética. Segundo Susin (1996, p. 21), “A ética, como morada humana, não é algo pronto e construído de uma só vez. O ser humano está sempre tornando habitável a casa que construiu para si. Ético significa, portanto, tudo aquilo que ajuda a tornar melhor o ambiente para que seja uma moradia saudável - materialmente sustentável, psicologicamente integrada e espiritualmente fecunda.”

Assim, entende-se que um código de ética deva estar atento às constantes e contínuas metamorfoses da dinâmica social; sempre aberto a reinvenções que possam abrigar as

transformações sem perder a dimensão do bem-comum. Segundo Flores (2007), necessita ser o retrato das expectativas do todo; ser uma semente de propulsão que impulse o ser humano a abandonar o individualismo e partir para caminhadas nos terrenos da solidariedade e, sobretudo, da fraternidade.

Infere-se que ética é a capacidade de enxergar-se no outro e, neste sentido, tentar garantir aos cidadãos as mesmas expectativas que se possui para a vida. Ah! Longe de se pensar em um receituário do viver bem; é, na verdade, uma horizontalização do olhar, que perdendo a dimensão vertical da busca pela ascendência, olhando para os demais membros da sociedade de cima para baixo, passa a orientar o olhar na direção dos que estão ao redor, percebendo cada um na sua unidade, reconhecendo e respeitando a diversidade.

Ressalte-se que a re-orientação deste olhar não se dá meramente pela leitura de uma cartilha, nem tampouco pela habilidade oratória de um professor. Ética é uma lição que se ensina e se aprende através de exemplos e, somente esses exemplos são capazes de alfabetizar o cidadão para uma vida fundamentada em valores tão relevantes para a arte do viver coletivamente.

De acordo com Flores (2007), um elemento importantíssimo para a busca da felicidade no plano coletivo é perceber-se como parte de uma sociedade; é entender-se como cidadão, não apenas no sentido estrito do termo, mas o entender-se como indivíduo que possui a certeza de pertencimento ao grupo social tornando-se co-responsável pela condução da história individual e coletiva.

Às vezes, os professores não se dão conta de que estão educando para atender às expectativas do mercado, doutrinando inclusive o lema dos mosqueteiros à avessa - um por todos e todos por mim - e, ao invés de fomentar a cooperação e a empatia, vão tatuando o ideal da competitividade/concorrência.

Conforme Santos (2005), o modelo de exclusão social, inclusive no Brasil, é tão perverso, tão agressivo, que as camadas mais desprestigiadas economicamente sequer reconhecem no patrimônio coletivo da cidade suas possibilidades de integração. Tal qual um apartheid, notam-se barreiras invisíveis (ou às vezes muito bem visíveis) que impedem o cidadão de exercer o direito fundamental de ir e vir.

Por tudo isso, o ato de educar converte-se na missão desafiadora e instigante de fomentar a cidadania, sendo um dos caminhos para este trabalho a criação de uma cultura cidadã por meio da inserção do indivíduo no contexto cidadão. Entretanto, frise-se, esta inserção não se reduz apenas a estar na cidade, mas sentir-se parte dela e reconhecer-se no mosaico que traduz a identidade do lugar.

Assinale-se, finalmente, que a cidadania não é um presente físico nem metafísico; a cidadania é uma conquista, é um processo, uma reivindicação. É, ainda, a consolidação de princípios éticos na medida em que estreita os laços de solidariedade e garante visibilidade social aos portadores daqueles princípios. Convém lembrar que em uma educação neles pautada, nos quais se incluem os princípios de alteridade, pode-se chegar ao resgate do componente ético que, de maneira mais sutil ou evidente, habita em cada um dos seres humanos. Enfim, essa concretude da expectativa cidadã torna-se plenamente capaz de recompor, devidamente, os tecidos esganiçados da atual malha social, fazendo com que essa teia seja um cobertor em cujo uso não se necessite descobrir os pés para proteger a cabeça ou vice-versa.



LUIZ CARLOS DOS SANTOS  
[www.lcsantos.pro.br](http://www.lcsantos.pro.br)